

APRESENTAÇÃO

Nossos interesses de pesquisa são tanto em Literatura quanto em Lingüística, mais especificamente Lingüística Aplicada e Análise do Discurso, e por essa razão dividimos este número em duas partes principais: I, Questões sobre Literaturas em Inglês e sobre Cultura e II, Questões sobre Ensino de Inglês como Língua Estrangeira. Uma terceira parte é dedicada a duas resenhas de livros em Literatura e em Lingüística. Os artigos são tanto em português quanto em inglês, uma decisão que deixamos à escolha dos/as colaboradores/as.

A Parte I, dedicada às Questões sobre Literaturas em Inglês e sobre Cultura, tem sete artigos organizados assim: prosa, poesia e cinema. Os artigos sobre prosa seguem uma seqüência de temas, da ecocrítica¹ ao ciberespaço e à intrincada relação entre autor/a/leitor/a/texto. Terry Gifford, pesquisador aposentado da University of Leeds, Inglaterra, ele mesmo um ecocrítico, abre esta parte e seu artigo aborda dois romances em perspectiva: *John Macnab* (1925), de John Buchan, é discutido juntamente com *The Return to John Macnab* (1996), de Andrew Greig, e a questão da terra na Escócia é vista através da ecocrítica. A leitura de Gifford traz à tona a discussão política (e problemática) daquilo que ele chama de “Issues of Ownership and Access to the Work of John Muir, John Buchan and Andrew Greig” em relação à terra.

Hélio Furtado, ex-professor da nossa Faculdade de Letras (Fale), hoje na Universidade Federal do Rio Grande do Norte, discute a obra de Somerset Maugham em termos do (des)velamento da homossexualidade num romance chamado *The Narrow Corner*, de 1932. Aqui Furtado aponta para a leitura do romance como sendo “a tentativa de Maugham rumo a uma catarse de seu próprio sofrimento enquanto homossexual [e] uma tentativa de uma melhor compreensão de sua própria sexualidade”.

¹ Esta nova abordagem à crítica literária é emergente e necessária, e discute a construção social da natureza trazendo-a para a nossa percepção contemporânea da literatura. Para maiores referências, cf. Glotfelty and Fromm (eds.). *The Ecocriticism Reader - Landmarks in Literary Ecology*. (The University of Georgia Press), 1996; cf. também Gaard & Murphy (eds.). *Ecofeminist Literary Criticism: Theory, Interpretation, Pedagogy* (University of Illinois Press), 1998; e Buell. *The Future of Environmental Criticism - Environmental Crisis and Literary Imagination*. (Blackwell), 2005. No Brasil, publiquei alguns artigos discutindo a relação da ecocrítica ao ecofeminismo e à literatura. Cf., por exemplo, meu Ecofeminismo e literatura: novas fronteiras críticas. In Brandão & Muzart (orgs.). *Refazendo nós: ensaios sobre mulher e literatura* (Mulheres e Edunisc), 2003, p.461-473; see also Re-significação e reticimento do lugar do corpo na literatura: perspectivas teóricas iniciais. In Cavalcanti, Lima e Schneider (eds.) *Da mulher às mulheres: dialogando sobre literatura, gênero e identidades* (Edufal, 2006), 134-146.

Camila Mello, mestranda da Universidade Estadual do Rio de Janeiro, escreve sobre estudos culturais em relação aos escritores Salman Rushdie (anglo-indiano) e Joan Riley (jamaicana). Ambos os autores são vistos a partir das lentes da diáspora e seus personagens examinados a partir de seus conflitos nas comunidades getoisadas dos países que adotaram para viver.

Ana Cecília Acioli Lima, professora da Fale/Ufal e doutoranda em Teoria Literária da Universidade Federal de Pernambuco, lê Jeanette Winterson e seu romance *The Powerbook*, de 2000, relacionando-o a um esforço da escritora para romper com as fronteiras entre autor/a/leitor/a/texto num mundo hoje centrado no ciberespaço.

Os artigos sobre poesia são de dois pesquisadores ingleses. O primeiro, Chris Joyce, da University of Surrey, discute a complexa poesia de um poeta não menos complexo, que é T. S. Eliot. Para Joyce, Eliot é “um grande poeta: o melhor poeta inglês do século XX que continua a nos falar e falar para a intangível ‘condição humana’”.

Neil Roberts, da University of Sheffield (Inglaterra), apresenta uma desafiadora leitura de vários poetas contemporâneos como uma escolha possível de trabalho com alunos/as avançados de literatura. Tony Harrison, Derek Walkott, Peter Reading, Ted Hughes e Ann Stevenson são considerados poetas experimentais e, para Roberts, Bakhtin pode ser a chave para lê-los considerando a forma poética, narrativa e dialogismo.

A minha própria contribuição para esta parte é voltada para a crítica do filme “A Encantadora de Baleias”, roteiro adaptado e dirigido por Niki Karo do romance *Whale Rider*, do neo-zelandês Iti Ihimahea. Minha percepção do filme é feminista e a jornada do herói/ heroína é vista através dos olhos da protagonista, uma menina gêmea que foi rejeitada ao nascer e que cresce para desafiar a tradição Maori, de base patriarcal e decadente.

A Parte II é dedicada a artigos sobre Lingüística, mais especificamente Lingüística Aplicada e Análise do Discurso. A organização ficou assim: Márcia Rosetti de O. Albuquerque, do nosso PPGLL, provoca a nossa leitura ao apresentar uma afirmação mais do que ouvida de nossos alunos de Língua Estrangeira: “Não sei nem português que dirá inglês”. O cerne da discussão é através da Análise do Discurso e a autora aponta para a possibilidade de o/a professor/a poder partir do “senso comum do ‘Não sei nem inglês que dirá português’ a fim de ajudar seus alunos/as a compreender de forma ampla a sua relação com a língua materna e com a língua estrangeira”.

Gisele Luz Cardoso e Josalba Ramalho Vieira, a primeira, mestranda e a segunda professora e pesquisadora da Universidade Federal de Santa

Catarina, discutem uma experiência de pesquisa em sala de aula numa escola pública de Florianópolis, com alunos/as adolescentes. O estudo fez uso de letras de músicas em inglês a fim de checar a compreensão que os/as alunos/as têm da metáfora. As autoras usam análise qualitativa de dados e chegam à conclusão que usar música com alunos/as pode levá-los/as a “pensar e trabalhar conjuntamente de forma colaborativa”.

Nick Ceramella, pesquisador da Universidade de Roma-La Sapienza (Itália), traz a sua colaboração através de um artigo sobre os sons em inglês “em ação”. Ceramella, de forma didática e ilustrativa, apresenta uma visão panorâmica e histórica de sotaques de certas partes do mundo falante do inglês. Ele espera com isso “jogar uma luz sobre a natureza do sistema falante inglês (...) a partir da perspectiva da fonética e da fonologia”.

Maria Inez Matoso da Silveira, do nosso Programa, tem a última palavra desta parte de *Leitura*. Sua reflexões sobre o domínio de vocabulário para alunos/as de inglês instrumental (ESP) traz uma relevante contribuição para esse campo de estudo. Para ela, o redimensionamento do ensino da gramática em escolas brasileiras pode levar a uma compreensão do ensino de inglês que considera a leitura por prazer da mesma forma que uma habilidade instrumental.

A terceira parte traz resenhas de dois livros: *Haroun and the Sea of Stories* (1990), de Salman Rushdie e *Língua, cultura e ensino* (2006), organizado por Roseanne Tavares. Essas resenhas foram escritas por mim e por Rita Zozzoli respectivamente.

Como organizadora deste número, quero agradecer a todos/as os/as colaboradores/as que submeteram seus artigos e pacientemente aguardaram a publicação sair do forno. Espero que leitores/as no Brasil e no exterior encontrem na páginas desta Revista o prazer da leitura e o aprendizado que buscam nas nossas contribuições para a pesquisa com os estudos do Inglês.

Isabel F. O. Brandão